

COLEÇÃO AS AVENTURAS DO RAFA

Guia de Mediação Literária

GUIA A

Educação Infantil

Pré-leitor · 4 a 6 anos

Volume principal: Vol. 1 — Rafa e o Gatinho Perdido

Volume complementar: Vol. 2 — Rafa e o Pássaro Ferido

Apresentação

Este guia é um instrumento de formação para professores da Educação Infantil. Seu propósito não é fornecer um roteiro fechado de perguntas sobre o livro — é oferecer um arcabouço de compreensão sobre o que significa mediar literatura com crianças pequenas, por que isso importa e como fazê-lo com intencionalidade pedagógica.

A Coleção As Aventuras do Rafa foi concebida como literatura com propósito social: cada volume explora temas de empatia, cuidado com animais e cidadania a partir de um personagem central que percebe o que os humanos às vezes não percebem. Mas o livro, sozinho, não garante aprendizagem. É a mediação do professor — as pausas que ele faz, as perguntas que propõe, o silêncio que suporta — que transforma uma leitura em experiência formativa.

A tese que orienta este guia

A literatura não tem idade. O que muda entre a criança de 5 anos e o jovem de 13 não é o valor do texto — é o nível de mediação, o eixo de entrada e a profundidade das perguntas que o professor propõe. Uma mesma obra pode ser visitada em diferentes momentos da trajetória leitora, com entradas, perguntas e produções distintas a cada vez.

Este guia está organizado em quatro partes: fundamentos teóricos sobre leitura literária na primeira infância; o eixo de entrada para esta faixa etária; a sequência de seis momentos de mediação com orientações detalhadas; e o mapeamento das competências da BNCC desenvolvidas.

Parte 1 — Fundamentos: por que literatura na Educação Infantil?

1.1 A literatura como direito

Antonio Candido, em seu ensaio seminal sobre o direito à literatura, argumentou que a ficção narrativa é uma necessidade universal — tão fundamental quanto a alimentação e o abrigo. Não como ornamento cultural, mas como instrumento de humanização: a literatura organiza o caos da experiência, nomeia emoções sem nome, amplia o repertório de formas de ser no mundo.

Para crianças pequenas, esse argumento ganha urgência particular. A Educação Infantil é o período em que se formam as estruturas afetivas e cognitivas que sustentarão toda a trajetória escolar posterior. Privar essa fase de experiências literárias ricas não é apenas uma lacuna estética — é uma perda de desenvolvimento.

“A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.”

— Antonio Candido, 2011

1.2 Como a criança pequena lê

Jean Piaget descreveu o período pré-operatório — que cobre aproximadamente os 2 aos 7 anos — como um momento em que o pensamento é predominantemente simbólico, egocêntrico e concreto. A criança ainda não opera com abstrações estáveis, mas é capaz de grande riqueza imaginativa e de intensa identificação afetiva com personagens.

Isso tem implicações diretas para a mediação literária. A criança dessa faixa não analisa a narrativa — ela a habita. Ela não decompõe o personagem em traços psicológicos — ela se torna o personagem. O professor que compreende isso não tenta forçar abstração antes do tempo. Em vez disso, oferece espaço para que a experiência afetiva se aprofunde — e é dessa profundidade que emergem, gradualmente, as primeiras operações de pensamento crítico.

Lev Vygotsky acrescentou a esse quadro o conceito de zona de desenvolvimento proximal: o que a criança não consegue fazer sozinha, ela consegue fazer com a ajuda de um parceiro mais experiente. O professor, ao mediar a leitura, opera exatamente nessa zona — não antecipando as respostas, mas criando as condições para que a criança as encontre.

“No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. No brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade. A literatura, para a criança pequena, é o brinquedo mais poderoso.”

— Lev Vygotsky, 1991 — adaptado

1.3 O livro como objeto cultural

Teresa Colomer, pesquisadora espanhola de didática da literatura, propôs que a formação do leitor começa antes da leitura propriamente dita — começa no encontro com o livro como objeto. A criança que manuseia livros desde cedo aprende que eles têm sentido de leitura, que as ilustrações dialogam com o texto, que o autor fez escolhas. Esse repertório de convenções — que os especialistas chamam de conhecimento sobre o sistema escrito — é pré-requisito silencioso para a alfabetização.

A Coleção As Aventuras do Rafa foi desenhada com esse conhecimento: o Vol. 1, em texto maiúsculo com ilustrações centrais e páginas arejadas, é um convite à exploração do objeto antes mesmo que a criança saiba decodificar. O professor que entende isso não tem pressa para chegar ao texto — ele dá tempo ao objeto.

1.4 A mediação adulta como estrutura

Na Educação Infantil, a mediação do professor não é opcional — é estrutural. A criança dessa faixa não tem ainda as ferramentas para acessar o texto literário de forma autônoma. Ela precisa de um adulto que leia, que pause, que pergunte, que suporte o silêncio, que acolha a resposta inesperada sem corrigi-la.

Isso não significa que o professor deva explicar tudo ou conduzir a leitura a uma conclusão predeterminada. Significa o oposto: que ele precisa ter clareza suficiente sobre o propósito de cada momento da mediação para saber quando falar e quando calar. A formação do leitor literário começa na qualidade da escuta do professor — não no volume das suas explicações.

O que diferencia mediação de explicação

Explicar é transmitir um significado já fechado. Mediar é criar as condições para que o estudante construa o seu próprio significado, com o suporte do professor como andaime. Na literatura infantil, isso significa: fazer perguntas abertas, não confirmatórias; acolher versões diversas da história; devolver perguntas com perguntas; e resistir ao impulso de corrigir a interpretação da criança antes que ela mesma a revise.

Parte 2 — Eixo de entrada: o livro como objeto e a escuta compartilhada

Cada faixa etária tem um eixo de entrada na literatura — um ponto de acesso privilegiado que respeita o estágio de desenvolvimento do leitor e maximiza o impacto da experiência. Para a Educação Infantil, esse eixo é duplo: o livro como objeto sensorial e a escuta como prática compartilhada.

O livro como objeto sensorial

Antes de ser texto, o livro é objeto. Tem peso, cheiro, textura, espessura. Tem capa e contracapa, lombada e páginas. Abre num sentido e não no outro. Para a criança pequena, que ainda está aprendendo as convenções do mundo letrado, esse objeto é em si mesmo uma descoberta. O professor que dedica tempo ao manuseio livre do livro antes da leitura não está perdendo tempo — está construindo o andaime que vai sustentar a alfabetização.

A escuta como prática compartilhada


Ouvir uma história lida por um adulto é uma experiência qualitativa diferente de ler sozinho. A voz do professor carrega entonação, ritmo, pausa, surpresa. Ela cria um espaço compartilhado onde as crianças não são apenas receptoras — são parceiras de construção de sentido. Quando uma criança interrompe para dizer 'eu acho que ele vai ajudar!' ou 'parece com o meu gato!', ela não está desrespeitando a leitura — ela está praticando o que os pesquisadores chamam de leitura ativa.

O professor que valoriza essas interrupções — sem deixar que elas descarrilem completamente a leitura — está formando leitores. O que se aprende na roda de leitura da Educação Infantil não é apenas o enredo de um livro. É a postura de quem lê: curiosidade, antecipação, identificação, reflexão.

“A história lida em voz alta é o modelo mais poderoso de leitura que uma criança pode ter. Ela aprende, antes de saber ler, que os livros valem o tempo que levamos com eles.”

— Teresa Colomer, 2007 — adaptado

Por que a proteção animal é o tema certo para esta faixa



A escolha do tema da coleção não é aleatória. Crianças pequenas têm uma relação naturalmente empática com animais — eles são percebidos como seres que sentem, que precisam de cuidado, que podem estar com medo ou com fome. Esse repertório afetivo pré-existente é o ponto de entrada perfeito para trabalhar conceitos como empatia, responsabilidade e ação coletiva — sem que o professor precise 'ensinar' esses valores de forma direta.

A história do Rafa encontrando um gatinho em apuros mobiliza, de forma imediata e visceral, a capacidade da criança de se colocar no lugar do outro. E é dessa mobilização afetiva que emerge, com a mediação adequada, a reflexão ética. Não o contrário.

Parte 3 — A sequência de mediação: seis momentos

A sequência a seguir não é um roteiro rígido — é uma estrutura. O professor pode adaptar a duração de cada momento, combinar dois em uma única aula, retomar um momento já realizado. O que não deve ser suprimido é a lógica da progressão: cada momento prepara o seguinte, e o conjunto forma uma experiência completa de leitura literária.

Sobre o tempo de cada momento

Na Educação Infantil, os momentos não precisam — e muitas vezes não devem — acontecer em uma única aula. Distribuir a sequência ao longo de uma semana permite que as crianças 'digiram' a experiência entre os encontros. A releitura parcial no início de cada novo momento é sempre bem-vinda: para crianças pequenas, reler é descobrir de novo.

1

Encontro com o objeto

Objetivo: *Construir familiaridade com o livro como objeto cultural antes da leitura do texto.*

Distribua os livros e deixe as crianças manusearem livremente por alguns minutos. Observe o que fazem: algumas vão abrir pela última página, outras vão cheirar o papel, outras vão tentar 'ler' as ilustrações. Não corrija nenhum comportamento nesse momento — observe e anote.

Depois, conduza uma conversa breve sobre o objeto: 'O que vocês viram na capa? O que acham que vai acontecer nessa história? Quem é esse personagem?' Aceite todas as hipóteses — o objetivo não é acertar, é criar expectativa.

Nomeie os elementos físicos com naturalidade: capa, contracapa, lombada, autor, ilustrador. Não como vocabulário a ser memorizado — como parte da apresentação de um novo amigo.

O que observar: *Como cada criança se relaciona com o objeto? Quem trata com cuidado, quem trata com indiferença? Quem já reconhece convenções (sentido de leitura, frente e verso)? Essas observações são dados valiosos sobre o nível de letramento familiar de cada criança.*

2

Leitura em voz alta — o professor como modelo

Objetivo: *Oferecer uma experiência de escuta qualificada, com o professor como leitor modelo.*

Leia em voz alta, pausadamente, variando a entonação conforme o ritmo da narrativa. Aponte as ilustrações com naturalidade — não para explicá-las, mas para convidar o olhar. As crianças acompanham nos próprios exemplares ou em torno de um único livro grande (se disponível).

Faça pausas estratégicas em momentos de tensão ou decisão da narrativa: antes de revelar o que o personagem vai fazer, antes de mostrar o que está por trás dos arbustos, antes do desfecho. Essas pausas ensinam a criança a antecipar — habilidade fundamental do leitor fluente.

Acolha as interrupções espontâneas sem perdê-las e sem se perder nelas. Uma criança que interrompe está se engajando ativamente. Uma técnica útil: 'Que boa observação! Vamos guardar esse pensamento e ver o que acontece.' Depois, retome.

O que observar: *Quem acompanha as ilustrações enquanto ouve? Quem antecipa em voz alta? Quem demonstra reação emocional (suspirar, rir, aproximar o livro)? Essas reações indicam nível de engajamento e identificação com a narrativa.*

3

Leitura de imagens

Objetivo: *Desenvolver a capacidade de construir narrativa a partir da linguagem visual.*

Este momento pode acontecer antes ou depois da leitura do texto verbal — ambas as ordens têm valor pedagógico diferente. Antes da leitura: a criança constrói sua própria versão da história pelas imagens, criando expectativa. Depois da leitura: ela compara sua 'versão visual' com o texto, percebendo o que as ilustrações acrescentam ou contradizem.

Peça que contem a história apenas pelas ilustrações, página a página, em roda. Cada criança pode contribuir com uma parte. Não existe versão errada — o objetivo é que o grupo perceba que imagens comunicam, que têm lógica interna, que fazem escolhas (cores, enquadramento, expressão dos personagens).

Perguntas úteis neste momento: 'O que você vê nessa página?', 'Como esse personagem está se sentindo? Como você sabe?', 'O que você acha que aconteceu antes dessa cena?', 'E depois?'

O que observar: *A criança consegue ler expressões faciais dos*

personagens? Percebe detalhes de fundo? Cria narrativa sequencial coerente? Essas habilidades são precursores diretos da compreensão leitora.

4

Roda de conversa — o valor em movimento

Objetivo: *Conectar a experiência literária à vida das crianças, desenvolvendo empatia e reflexão moral.*

A roda de conversa é o momento mais delicado da sequência — e o mais poderoso. Seu objetivo não é verificar se a criança 'entendeu' a história, mas criar um espaço para que ela a processe emocionalmente e a conecte à própria experiência.

As perguntas devem ser abertas, não confirmatórias. A diferença é crucial: 'O Rafa ajudou o gatinho, não foi?' é uma pergunta fechada que busca confirmação. 'O que você faria se encontrasse um animal precisando de ajuda?' é uma pergunta aberta que convida reflexão genuína.

Exemplos de perguntas para esta faixa: 'Você já sentiu medo como o gatinho? Como foi?', 'Por que você acha que o Rafa não latiu alto?', 'Quem na sua vida é como o Rafa — alguém que percebe quando a gente precisa de ajuda?', 'Você já pediu ajuda para alguém? O que aconteceu?'

Importante: o professor não deve avaliar as respostas como certas ou erradas, mas acolhê-las e, quando possível, devolvê-las ao grupo: 'Alguém tem uma experiência parecida com a do João?' Isso transforma a roda numa comunidade de sentido.

O que observar: *Quem se engaja espontaneamente? Quem precisa de convite? Quem demonstra empatia em suas respostas? Quem conecta a história à própria experiência? Quem ainda não consegue se descolar do enredo para refletir? Tudo isso é dado de formação.*

5

Expressão criativa

Objetivo: *Oferecer um canal de elaboração da experiência literária por meio de linguagens não verbais.*

A expressão criativa — desenho, modelagem, dramatização, dança, música — não é uma atividade de 'fixação' do conteúdo. É uma forma de conhecimento por direito próprio. Quando a criança desenha o Rafa com o gatinho, ela não está reproduzindo a história — está

reinterpretando-a, escolhendo o que é importante, tomando decisões estéticas.

Ofereça múltiplas possibilidades e deixe a criança escolher: 'Você pode desenhar a sua cena favorita, modelar o Rafa ou o gatinho, ou mostrar com o corpo como o Rafa andava quando queria chamar Bernardo e Marina.' A escolha em si já é uma operação cognitiva relevante.

Durante a produção, circule e faça perguntas sobre o processo — não sobre o produto. 'Por que você escolheu essa cor para o Rafa?', 'O que está acontecendo nessa cena que você está fazendo?' Essas perguntas revelam o pensamento em andamento.

A produção pode envolver a família: 'Leve seu desenho para casa e conte a história para um adulto.' Isso estende o alcance da experiência literária para além da escola e fortalece o vínculo entre leitura e afeto familiar.

O que observar: *O que cada criança escolhe representar? Qual momento da história é mais saliente para ela? Como ela representa emoções (cores, expressões faciais desenhadas, postura corporal na dramatização)? Há coerência narrativa na produção?*

6

Compartilhamento coletivo

Objetivo: *Dar função social à experiência literária, transformando a obra em objeto de circulação na comunidade.*

O compartilhamento coletivo fecha o ciclo da experiência leitora e dá a ela um destinatário real. Quando as produções das crianças são expostas num mural, apresentadas em roda, levadas para outra turma ou exibidas em uma mostra para as famílias, a literatura deixa de ser um exercício escolar e se torna um ato comunicativo.

Formatos possíveis: mural temático com os desenhos e uma frase de cada criança sobre o que aprendeu com o Rafa; varal de histórias onde cada criança contribui com uma cena; apresentação oral para outra turma; carta coletiva para uma ONG de proteção animal da cidade.

O importante é que as crianças percebam que o que produziram tem valor para alguém além do professor. Essa percepção é fundadora: ela diz que a leitura importa, que o pensamento da criança importa, que a voz dela tem destinatário.

Registre o processo com fotos ou vídeos curtos (com autorização familiar) para criar um portfólio da turma. Esse registro tem valor duplo: para as crianças, é prova de que fizeram algo real; para o

professor, é material de avaliação e reflexão sobre a própria prática.

O que observar: *Como as crianças apresentam suas produções para os outros? Há orgulho, vergonha, indiferença? Como reagem às produções dos colegas? Conseguem identificar semelhanças e diferenças entre as diferentes interpretações da mesma história?*

Parte 4 — Avaliação formativa

Na Educação Infantil, avaliação não é verificação de conteúdo — é documentação do desenvolvimento. O professor que realiza esta sequência de mediação dispõe de múltiplos momentos de observação sistemática. O objetivo não é classificar a criança, mas compreender onde ela está e o que ela precisa para avançar.

O que avaliar ao longo da sequência

- Nível de familiaridade com o objeto livro e com as convenções do texto escrito
- Capacidade de construir sentido a partir das ilustrações (narrativa visual)
- Qualidade do engajamento durante a leitura em voz alta (atenção, antecipação, reação emocional)
- Capacidade de conectar a história à própria experiência (transferência afetiva)
- Repertório empático: consegue imaginar o ponto de vista de outro ser — personagem, colega, animal?
- Qualidade da expressão criativa: coerência narrativa, escolhas estéticas, elaboração emocional
- Participação no compartilhamento coletivo: disposição para comunicar, escutar, reconhecer o outro

Como registrar

O registro mais adequado para esta faixa é a observação anotada — notas breves feitas durante ou logo após cada momento da sequência. Com o tempo, essas notas compõem um retrato fiel da trajetória de cada criança como leitora em formação. Portfólios com amostras das produções e registros fotográficos do processo completam o quadro.

Uma nota sobre o 'erro' na interpretação literária

Na Educação Infantil — e em qualquer faixa etária —, não existe interpretação 'errada' de um texto literário. Existe interpretação com mais ou menos evidência no texto, com mais ou menos elaboração, com mais ou menos coerência interna. O professor que corrige a interpretação da criança antes de compreendê-la não está ensinando literatura — está

ensinando conformidade. A avaliação formativa começa pelo escuta genuína.

Parte 5 — Alinhamento com a BNCC

As competências e habilidades a seguir são desenvolvidas ao longo da sequência de mediação descrita neste guia. O mapeamento segue a Base Nacional Comum Curricular (2018) para a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando a faixa de 4 a 6 anos.

| Referência BNCC | Competência / Habilidade desenvolvida |
|-------------------|--|
| EI03EF05 | Reconhecer elementos e convenções do texto escrito: sentido da leitura, distinção entre imagem e texto, partes do livro. (Campos de experiência — Escuta, fala, pensamento e imaginação) |
| EI03EF06 | Produzir narrativas orais e visuais com coerência, usando diferentes linguagens: fala, desenho, corpo. (Escuta, fala, pensamento e imaginação) |
| EI03EO04 | Demonstrar empatia pelos outros — humanos e animais —, identificando emoções e expressando cuidado. (Eu, o outro e o nós) |
| EI03EO05 | Manifestar interesse e respeito pela diversidade de seres vivos, culturas e histórias de vida. (Eu, o outro e o nós) |
| EI03ET01 | Observar e explorar o ambiente natural com curiosidade, formulando perguntas sobre fenômenos e seres vivos. (Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações) |
| CG9 (BNCC) | Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação — fundamento socioemocional da experiência literária mediada. |
| CG4 (BNCC) | Utilizar diferentes linguagens (oral, visual, corporal) para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos. |

Além das habilidades específicas, a sequência de mediação deste guia contribui diretamente para o desenvolvimento das Competências Gerais 1 (Conhecimento), 3 (Repertório cultural), 9 (Empatia e cooperação) e 10 (Responsabilidade e cidadania) da BNCC — competências que atravessam todas as etapas e áreas do currículo.

Referências

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB, 2018.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. A formação do leitor literário. São Paulo: Global, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Difel, 1982.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1989.